

BREVE HISTÓRICO DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL E AS CONTRIBUIÇÕES DE CÉLESTIN FREINET

A BRIEF HISTORY OF LITERACY IN BRAZIL AND THE CONTRIBUTIONS OF CÉLESTIN FREINET

¹PORRINO, R. C. Z.; ²BARROS, F. C. O. M.

^{1e2}Curso de Licenciatura em Pedagogia –Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

RESUMO

O presente trabalho, é um estudo de caráter bibliográfico, tem como finalidade refletir sobre as concepções de alfabetização e as práticas pedagógicas em sala de aula e também, levantar alguns aspectos sobre os conceitos históricos sobre alfabetização, as concepções de ensino e as contribuições da pedagogia freinetiana para o processo de alfabetização. Alfabetização é um processo complexo que envolve a aprendizagem, não somente das letras, mas a aprendizagem da cultura humana, de uma prática social e da comunicação, tendo esse pressuposto, faz-se necessário refletir sobre as práticas "escolásticas" da escola tradicional e o Método Natural de ensino desenvolvido por Celestin Freinet (1896-1966), que considera que a aprendizagem acontece de maneira natural por meio de tentativas experimentais até se alcançar o êxito. As concepções pedagógicas de Freinet tencionam a construção do conhecimento pelo aluno, pela mediação do professor em um ambiente que estimule sua curiosidade e seu interesse pelo aprendizado.

Palavras-chave: Alfabetização. Concepções. Método Natural.

ABSTRACT

The present work is a bibliographical study, whose purpose is to reflect on the conceptions of literacy and pedagogical practices in the classroom and also to raise some aspects about the historical concepts about literacy, conceptions of teaching and the contributions of pedagogy for the literacy process. Literacy is a complex process that involves learning not only letters, but learning human culture, social practice and communication, having this presupposition, it is necessary to reflect on the "scholastic" practices of the traditional school and the Natural method of teaching developed by Celestin Freinet (1896-1966), who considers that learning happens naturally through experimental attempts until success is achieved. Freinet pedagogical conceptions intend the construction of knowledge by the student, by the teacher's mediation in an environment that stimulates his curiosity and his interest in learning

Keywords: Literacy. Conceptions. Natural Method

INTRODUÇÃO

Alfabetização é um processo complexo que envolve a aprendizagem, não somente das letras, mas da cultura humana, de uma prática social e da comunicação. É pela habilidade de ler e escrever que o ser humano passou a se comunicar e ter acesso a informação, para promover uma participação social efetiva.

A variedade de materiais impressos que circulam socialmente como livros, revistas e jornais ou até mesmo as redes sociais é um exemplo de uma sociedade letrada que exige das pessoas que atuam neste meio tenham o domínio sobre a escrita e leitura para que não sejam excluídas e marginalizadas. Segundo Mortatti (2004 p. 15), "Saber ler e escrever, saber utilizar a leitura e a escrita nas diferentes

situações do cotidiano, são, hoje, necessidades tidas como inquestionáveis para o exercício pleno da cidadania [...]”. A prática da leitura e da escrita tornou-se uma prática necessária para a inserção do cidadão como sujeito ativo na sociedade do século XXI.

Aprender a ler e escrever significa interpretar o mundo, ter a capacidade de compreender os diferentes tipos de escrita que são recorrentes deste meio. Porém ainda há muito que se repensar sobre as concepções de alfabetização e os métodos utilizados para alfabetizar, pois para muitos, o processo de alfabetização ainda é considerado apenas a codificação e decodificação das letras como afirma Chaves, Graciliano e Groth (2011, apud SILVA, 2013, p.123)

A preocupação, algumas vezes, tem sido manifestada na prática escolar em ensinar a decodificação de letras, gerando/desencadeando uma leitura mecânica – amortizada – ignorando o papel fundamental que ela proporciona ao desenvolvimento intelectual/cognitivo, cultural e emocional da criança.

A aprendizagem das letras, é destituída de sentido e sem que se entenda a finalidade desta aprendizagem, o ensino perde o valor social. É valorizado o uso da repetição e da memorização das letras para alfabetizar as crianças. Desta maneira, há uma lacuna entre a leitura escolar e a social, pois, a criança quando chega no espaço escolar, traz consigo uma bagagem riquíssima de conhecimentos sobre as leituras que fazem parte das suas experiências na sociedade, como: um folheto de um circo, a placa de uma loja, o anúncio de um desenho, etc. e isso deve ser explorado e considerado no processo de alfabetização. Na prática de decodificação, a leitura passa a ser uma mera leitura superficial, sem qualquer relação com as vivências da criança.

A alfabetização vem sendo alvo de pesquisas para que o antigo problema de analfabetismo do país seja solucionado pois, considerando os resultados do Instituto Paulo Montenegro¹ hoje, apenas 15% dos alunos que terminam a educação básica sabem ler e escrever (MENDONÇA, 2011, p. 24), esse levantamento mostra o fracasso da alfabetização no Brasil, a necessidade de se repensar a prática do professor em sala de aula.

¹ O Instituto Paulo Montenegro é uma organização que desenvolve as pesquisas do Inaf.

No Brasil, a história da alfabetização passou por grandes mudanças até os dias atuais. Mudanças que influenciaram o conceito sobre alfabetização e os métodos utilizados para alcançar este fim. (MORTATTI, 2004).

O objetivo deste trabalho é fazer um breve resumo sobre a história sobre as concepções de alfabetização no Brasil e trazer subsídios da pedagogia de Celestin Freinet para a alfabetização.

METODOLOGIA

Este artigo, identifica-se como uma pesquisa bibliográfica, faz parte do trabalho de conclusão de curso da pedagogia e tem o intuito de atingir o objetivo que é analisar os processos históricos das concepções de alfabetização que foram sendo transformadas de acordo com cada período.

Nesta perspectiva, buscou-se evidenciar as discussões atuais e as clássicas acerca da alfabetização e os métodos utilizados para alfabetizar. Buscou-se em autores como Mortatti (2004), Célestin Freinet (1896-1966) e Sampaio (2002) contribuições acerca do tema desta pesquisa.

Mortatti (2004) contribuiu para que fosse observado a história da alfabetização no Brasil, suas concepções e os métodos utilizados.

Célestin Freinet (1896-1966) tem como fundamento a prática pedagógica centrada na criança, considerando que o aprendizado acontece de maneira natural, por meio de tentativas experimentais. Desenvolveu técnicas pedagógicas que contribuem de maneira significativa para a alfabetização.

E, por fim Sampaio (1989) contribuiu para que fosse melhor observado a trajetória de Freinet e seu trabalho desenvolvido.

Para fundamentar este trabalho foi necessário compreender o contexto a partir do qual as ideias sobre alfabetização e as contribuições de Freinet para se alfabetizar.

DESENVOLVIMENTO

Logo após o descobrimento do Brasil, mas precisamente no ano de 1549, os portugueses trouxeram ao país os padres jesuítas que eram os responsáveis em converter os índios ao cristianismo, ensinando a Bíblia e os dogmas da Igreja. Não havia entre os habitantes da terra conquistada a cultura da escrita, os índios utilizavam a cultura oral para transmitir seus ensinamentos dos mais velhos para os mais novos.

Para os jesuítas, os índios eram considerados como gentis e “papel branco” ou “tábua rasa” (MORTATTI, 2004 p. 49), indicando que não possuíam instrução nenhuma e desconsideravam seus saberes próprios como a pesca, a caça e o artesanato. O interesse dos padres jesuítas era a conversão dos índios ao cristianismo, a aquisição de uma nova cultura para se tornarem civilizados.

Os jesuítas não trouxeram somente valores morais e religiosos, mas também modelos de ensino para serem aplicados nos colégios da Companhia de Jesus. Este modelo foi escrito por Inácio de Loyola denominado de *Ratio Studiorum*. “Foi promulgada em 1599, depois de um período de elaboração e experimentação” (GADOTTI, 2008 p. 72) Com a expulsão dos jesuítas em 1759, quando Marques de Pombal, movido por interesses políticos, determina que eles retornassem para Portugal.

Apesar deste ocorrido, a igreja católica continuou exercendo grande domínio sobre o ensino. O interesse dos padres jesuítas era educar para formar um homem cristão. Os índios foram os primeiros a serem educados, posteriormente, foram considerados como ignorantes e incapazes de aprender. Os ensinamentos dos padres jesuítas passou a ser aos filhos dos colonizadores.

A escrita e leitura neste período, eram de cunho religioso, para os ensinamentos da fé cristã e mandamentos da igreja, como afirma Cagliari (SILVA et al., 2007 p.55) “O texto não-religioso apareceu muito tempo depois, como preocupação típica da escola. ”, com a diminuição do poder da igreja sobre as escolas e o domínio do Estado sobre a educação, a leitura e a escrita passaram a ser um instrumento para formar o indivíduo para o desenvolvimento do país, para promover a moral e valorização patriótica (SILVA et al., 2007 p.22). Os novos interesses com a educação influenciaram as práticas escolares e novas concepções e métodos foram surgindo. Para o desenvolvimento do país, houve a preocupação que as pessoas soubessem a ler e escrever e para isso, e a alfabetização passou a ser uma prática social.

Para se alcançar a definição de alfabetização, foi necessário reconhecer a existência do analfabeto, que tem uso mais antigo, do início do século XVII, e tem o mesmo sentido nos dias atuais como: “o ignorante das letras do alfabeto, que não sabe ler nem escrever e, também, que não tem instrução primária.” (MORTATTI, 2004 p. 38). Este conceito não está relacionado somente à decodificação das letras do alfabeto, mas também a aprendizagem da matemática entre outros ensinamentos primários.

Segundo Mortatti (2004 p. 57) mesmo este termo sendo tão antigo, a preocupação com os analfabetos surgiu no século XIX, com a proibição ao voto pelas pessoas que não sabiam ler nem escrever, e em 1881 e 1882 sendo um problema de caráter político e social. Para um país que há pouco havia declarado a independência, com a criação de políticas públicas, era necessário o desenvolvimento do Brasil e, para isso, a instrução das pessoas era necessária para o desenvolvimento integral do país político, social e cultural

É essencial esclarecer que neste período “... consideravam alfabetizadas pessoas capazes de escrever seu próprio nome” (SILVA et al., 2007 p.20) o que era tido como necessário para ser considerado alfabetizado era o simples fato da pessoa escrever e/ou ler o seu próprio nome, que para muitos, essa tarefa era impossível de ser cumprida, pois neste contexto no Brasil a maior parcela da população era pobre, não haviam leis que garantissem o ensino para todos, desta maneira, a simples aprendizagem do nome era um grande diferencial.

No início do século XX, algumas mudanças tiveram que ocorrer em relação a alfabetização, ter o domínio sobre o próprio nome já não era o suficiente para ser considerado alfabetizado. Por volta de 1940, ser considerado alfabetizado era o indivíduo que soubesse ler e escrever um simples bilhete.

Claro que se trata de uma caracterização imprecisa, afinal o que é “um simples bilhete?” De qualquer maneira, a definição supunha alguém que fazia alguma operação objetiva com a escrita, de modo que escrever e ler um bilhete simples pareceria uma espécie de “teste” - quem lê e escreve um bilhete simples deve saber ser capaz de fazer pequenas listas, copiar palavras, ler frases soltas. De toda maneira, esta definição já implicava que o mero conhecimento de letras, não poderia ser demonstração de alfabetização. (SILVA et al., 2007 p.20)

Exigia-se mais do indivíduo, mas mesmo assim, a leitura e escrita não passaria de codificação e decodificação das letras, não havia a preocupação com a interpretação e o entendimento do que estava sendo lido, era simples reprodução de letras, a cópia e a memorização.

As grandes mudanças no contexto social e político influenciaram a concepção de alfabetização, pois para que o país pudesse progredir, a população deveria acompanhar este processo. A garantia de escola para todos pela Constituição Federal (CF) da República Federativa do Brasil, de 1988, proporcionou que mais pessoas tivesse acesso à cultura letrada, porém o problema, a dificuldade de atender a grande

parcela de crianças em idade escolar, a falta de profissionais e espaço físico para suprir essa demanda resultou em um desenvolvimento gradativo.

Em 1962, para se unificar a conscientização sobre a alfabetização, de maneira a atender ao novo mundo moderno e globalizado, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) elaborou um parâmetro internacional afirmando que:

O fato de um indivíduo possuir o conhecimento e as habilidades essenciais que o capacitam a engajar-se em todas aquelas atividades necessárias para que ele tenha um funcionamento efetivo em seu grupo e em sua comunidade, e cujas conquistas em leitura, escrita e aritmética tornam-lhe possível fazer uso dessas habilidades em prol de seu próprio desenvolvimento e do desenvolvimento de sua comunidade. (HARRIS, 1999 aput MORTATTI, 2004 p. 20)

Evidenciou-se que a aprendizagem da leitura e da escrita, teria que ser além da simples codificação e decodificação das letras, era preciso que o alfabetizado fosse capaz de exercer de maneira significativa o uso desta habilidade, sendo um sujeito ativo na sociedade em que estava inserido, contribuindo para o progresso do país.

Para atender as novas concepções sobre alfabetização e devido aos avanços nas pesquisas em relação a educação novos métodos de ensino foram surgindo ao longo do tempo, como por exemplo método sintético e analítico

O método sintético (fônico, soletração e silabação) que seria a leitura da parte para o todo, sendo o mais utilizado a soletração que divide a leitura em partes, primeiro aprendia-se as letras, sílabas, palavras e textos e a escrita era por meio de cópias e ditados valorizando a caligrafia correta.

O método analítico que se opoñdo ao método sintético, que segundo Mortatti (2004) parte do “todo” para as partes. Neste método chamado de palavração, sentençação ou textuais partem de um elemento com sentido para depois as partes menores. Foi fortemente combatido pelos adeptos aos métodos sintéticos por não aceitarem novas ideias.

Até o dado momento, pode-se observar que os métodos utilizados para alfabetização eram muito limitados, sem que fosse observado a necessidade de se preparar a criança para a vida. A leitura fragmentada, pela construção sintética, dos sons às letras, das letras para a construção das sílabas, das sílabas para as palavras e palavras as frases. Este processo de decodificação e codificação das letras resulta em falta de compreensão do que está sendo lido sem relação com a vida.

Esse modo progressivo de aprender, mediante combinações, usava o quadro-negro, diante do qual os alunos eram convidados a “decifrar” em coro: B mais A, BA; B mais O, BO etc. As palavras utilizadas eram as que nasciam dessa produção sintética: BALA, BOLA etc. Os textos lidos eram artificiais e “pueris”, e em todo caso absolutamente estranhos à vida realmente vivida. O maior problema consistia em passar dessa ginástica formal à leitura de textos reais. (LEGRAND, 2010 p. 18)

Esse é o grande equívoco dos métodos que não consideram a leitura do mundo, a leitura dos textos reais, que circulam na sociedade. Há uma ruptura entre escolar e social, não há relação com a vida, com as vivências e experiências com o meio em que o aluno está inserido. A leitura e a escrita passam a ser sem valor e sem significado, Legrand (2010 p.18) comenta “...que há aquela história contada por Alain: num trem, um homem “lê” o jornal. Seu vizinho pergunta-lhe: “e então, quais são as notícias de hoje?” E o outro responde: “Não sei... estou lendo! ”. Ler e compreender deve caminhar junto, ambos fazem parte do processo de alfabetização, a leitura sem a compreensão é uma prática ineficaz.

Diante desta realidade, na França, a alfabetização e seus métodos eram questionadas pelo pedagogo Célestin Freinet que debatia fortemente o ensino da leitura e escrita que não tinha relação com as vivências dos alunos. Para Freinet, a alfabetização vai muito além do simples ensino escolástico, é o ensino para a vida, a leitura do mundo e suas ações. Após muitas pesquisas e experiências vivenciadas com seus alunos, Freinet definiu, de maneira original, o método analítico-sintético, que citado por Lours Legrand (2010 p. 18)

Convém, portanto, utilizar no ensino da leitura essa propriedade natural da percepção: esta é a base da “leitura global”, que parte das palavras, apreendidas e reconhecidas globalmente, vai até as sílabas, produzidas pela decomposição das palavras com o reconhecimento das similitudes, e, por fim, até os sons descobertos mediante esse mesmo processo analítico. Daí em diante é possível voltar-se para a composição de novas palavras e da escrita.

Este método desenvolvido por Freinet difere dos outros métodos porque parte do conhecimento que o aluno já tem sobre a leitura e a escrita, direcionado por textos que ele mesmo possa ter produzido, faz-se a leitura global relacionando com os sons semelhantes. A leitura e a escrita são parte de algo significativo e que o aluno já se apropriou.

Celestin Freinet, pesquisador que desenvolveu técnicas e ações que contribuem significativamente a alfabetização, merece destaque neste referido

trabalho. Serão abordados assuntos pertinentes a sua vida e sobre os métodos desenvolvidos por ele.

Celestin Freinet e o Método Natural de Aprendizagem

Com base nos estudos de Sampaio (1989), no século XIX nasce Célestin Bastian Freinet, no dia 15 de outubro de 1896, na cidade de Gars no sul da França. Quando ainda jovem, iniciou o curso de Magistério, entretanto, não pode concluir, pois alistou-se ao exército para atuar na Primeira Guerra Mundial.

A saúde de Freinet foi prejudicada nos campos de Guerra, seus pulmões foram afetados por gases tóxicos e foi dispensado do serviço militar. Freinet teve a saúde fragilizada por toda a sua vida, mas isto não o impediu de dedica-se aos cuidados das crianças.

Mesmo sem concluir o curso de Magistério, Freinet passou a atuar como professor-adjunto na cidade de Bar-Sur-loup no ano de 1920. Freinet passou a observar que o interesse das crianças estavam fora das paredes da escola, seus comportamentos, as descobertas que faziam, entre outras. Ele as anotava todos os dias, progressos e fracassos de seus alunos e utilizavam essas anotações para posteriormente refletir sobre práticas pedagógicas que favorecesse o processo de ensino-aprendizagem.

Em 1927, fundou a Cooperativa de Trabalho que atendia os aldeões. Entre 1926 a 1928 estabeleceu a Cooperativa de Ensino Leigo, junto com sua cooperadora e esposa Elise Freinet em Saint Paul-de-Vence. Edita seu primeiro livro *A Imprensa na Escola* (L'Imprimerie à L'école) e cria a revista com poemas infantis *O Ramalhete* (La Gerbe). (SAMPAIO, 2002)

Deixou um legado de livros para ajudar a entender sua pedagogia que só foram publicados após sua morte em 1966, como *A aprendizagem da Língua* (1967); *A Aprendizagem do Desenho* (1969) e *A Aprendizagem da Escrita* (1971).

Sob influência de pensadores da educação como Pestalozzi (1719-1827), Rabelais (1484-1553) Montaigne (1533-1592), Rousseau (1712-1778) e Ferrière (1879-1960), Freinet foi impelido a refletir sobre os conteúdos escolásticos utilizados na escola em que lecionava em Bar-Sur-Loup. Suas experiências com as crianças pobres do vilarejo o fez repensar sobre os métodos tradicionais.

Para Freinet, a educação era muito mais do que o conteúdo das cartilhas que não despertavam interesse algum nas crianças, sentiu então a necessidade de

encontrar novas técnicas para a aprendizagem da leitura que tivesse sentido para seus alunos.

Após analisar o comportamento das crianças no processo de alfabetização, Freinet concluiu que a alfabetização se dá de maneira natural por meio de tentativas experimentais até se alcançar o êxito "é [a] caminhar que a criança aprende a andar; é a falar que a criança aprende a falar; é a desenhar que se aprende a desenhar." (FREINET, 1977 p.14) denominou este processo de Método Natural que passou a ser a base da pedagogia freinetiana. A respeito do método natural Freinet afirma que,

Se perguntarem a uma mãe, mesmo que seja uma assistente universitária ou mulher de letras ou mesmo professora de gramática ou de fonética, com que método ensinou a falar o seu filho, ficará a olhar-vos surpreendida. Como se pudesse haver duas maneiras de ensinar a linguagem a uma criança! Como se pudesse existir sequer uma maneira de ensinar a linguagem! Existe apenas uma maneira para a criança aprender a falar segundo o único processo natural e geral de tentativas experimental... (FREINET, 1977 p.41)

Para Freinet a aprendizagem se dá de maneira natural porque segue o curso normal e habitual da vida pelo contato com a cultura e com os parceiros mais experientes. Este método tem o significado que ao longo do processo, as crianças vão se apropriando de forma cultural (mas que para Freinet é trazido com a palavra natural), que vem do interesse do aluno e o mediador é o provocador desse processo.

A criança aprende a partir dos modelos que lhes são apresentados em situações reais de sua vida. A mãe fala com a criança que está em fase de aprender a falar e deixa que a criança faça tentativas para conseguir se comunicar, a mediação e o meio em que a criança está inserida são essenciais neste processo de aprendizado e apropriação da cultura.

Assim também acontece com a alfabetização, a criança aprende a ler e escrever em um ambiente escolar e práticas educativas que provoquem o interesse e a curiosidade da criança em aprender, sendo o professor o mediador neste processo, tendo uma postura ativa, intencional e planejada. O papel do professor na metodologia freinetiana é fundamental, pois é ele quem fará as mediações necessárias para que o aluno aprenda.

O método natural pressupõe a capacidade de se aprender pelo que Freinet chamou de "tentativa experimental", foi a descoberta de que a criança se apropria da fala e do caminhar sem que seja preciso lhe ensinar sobre o processo que o corpo realiza para que alcance esses objetivos. Esses comportamentos humanos vão sendo aprendidos por meio de tentativas experimentais, com erros e êxitos.

O “tâtonnement expérimental” (tateio experimental) sintetiza, para ele, o essencial. A escola existe para ensinar, mas o aprendizado não deve operar-se por uma intervenção externa ao aluno: “Não se pode obrigar o cavalo a beber se ele não tem sede”. O essencial deve provir do próprio aluno. Ora, a necessidade de saber nasce do obstáculo, da descontinuidade nas evidências, da ignorância e da pesquisa que levará ao conhecimento. Para ser eficaz, a busca do conhecimento deve ser espontânea, motivada pela necessidade interior daquele que procura e pesquisa por conta própria, o que, evidentemente, incluirá erros e acertos. É tateando experimentando, retomando o caminho para retificar as tentativas infrutíferas, que a criança e o adulto aprendem realmente. (LEGRAND, 2010 p. 29 e 30)

A tentativa experimental é a capacidade da criança de aprender por meio da pesquisa, solução de problemas, questionamentos, é o processo da investigação. As tentativas experimentais são ações que a criança pratica para chegar a suas próprias descobertas. Essas ações são as tentativas que a criança faz para escrever, desenhar, pintar etc. desta forma, o aprendizado vai sendo internalizado pela criança, podendo ser reestruturado novamente dependendo de novas experiências que ela pode vir a ter. E isso não é imposto como uma obrigação, mas é por meio de práticas pedagógicas que estimulam e desafiam a criança a buscar seus conhecimentos.

O aprendizado passa a ser significativo e não é mecânico. As atividades sem sentido, apenas para ocupar o tempo da aula, não fazem parte da pedagogia freinetiana, para ele, é essencial que a criança se desenvolva de maneira integral e que estabeleça uma relação com a cultura. Para Freinet, a criança explora o meio em que está inserida, experimenta, sente, vive. As experiências aumentam o seu conhecimento sobre o mundo, transforma a realidade, a humaniza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção da alfabetização e os métodos utilizados para alfabetizar passou por transformações ao longo do tempo como: o simples fato da pessoa conseguir escrever seu próprio nome ou que soubesse ler e escrever um simples bilhete (SILVA et al., 2007 p.20), porém essas transformações não foram o suficiente para que a escola proporcionasse um aprendizado significativo e eficiente para seus alunos.

Desde que o Brasil foi colonizado e a cultura letrada passou a fazer parte da sociedade brasileira, o país tem se desenvolvido e o aprendizado das letras passou a alcançar maior números de pessoas, porém ainda há muito a ser repensado sobre o processo de alfabetização e os meios para alcançar este fim.

A alfabetização vai muito além da codificação e decodificação das letras, é uma prática social que integra o indivíduo na sociedade, é uma condição *sine qua non* de inserção ao meio.

Neste trabalho, evidenciou-se que a alfabetização e mais que a leitura e escrita “escolástica”, é a leitura do mundo, a escrita do pensamento: a livre expressão, para isso, buscou-se na pedagogia de Celestin Freinet princípios de ensino que fosse contribuinte para a alfabetização. Para Freinet, a alfabetização não ocorre por meio de exercícios de repetição e memorização, mas pelo Método Natural, por meio de tentativas experimentais “É a caminhar que a criança aprende a andar; é a falar que a criança aprende a falar; é a desenhar que se aprende a desenhar”. (FREINET, 1977 p.14). Nesse processo, é a própria criança o protagonista do aprendizado, não será nada imposto por parte do adulto, mas será pela curiosidade, pela busca e o interesse da criança sendo despertado por situações criadas pelo professor mediador que estimulem o interesse desta forma a alfabetização se torna significativa.

REFERÊNCIAS

- FREINET, Céslestin. **Método Natural I: A Aprendizagem da Língua**. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1977.
- GADOTTI, Moacir. **História Das Ideias Pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- LEGRAND, Louis. **Célestin Freinet: Coleção Educadores**. Recife: Massangana, 2010.
- MENDONÇA, Onaide Schwartz. **Percurso Histórico dos Métodos de Alfabetização**. São Paulo, 2011.
- MORTATTI, Maria do Rosário. **Educação e Letramento**. São Paulo: Unesp, 2004.
- SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet: Evolução Histórica e Atualidades**. São Paulo: Scipione Ltda, 1989.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da et al (Org.). **Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade**. Campinas: Autores Associados, 2007
- SILVA, Greice Ferreira da. **O Leitor e o Re-Criador de Gênero Discursivo na Educação Infantil**. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2013.